



● A Guerra de Putin

Rússia fecha principal gasoduto e agrava crise energética na Europa

— Moscou diz que suspensão é temporária, mas UE teme paralisação do fluxo nos meses de frio, quando gás começa a ser usado para aquecimento de casas e prédios públicos

MOSCOU

A Rússia interrompeu ontem o fluxo de gás para a Europa pelo gasoduto Nord Stream 1, citando a necessidade de realizar reparos. A medida aumentou o nervosismo dos governos europeus sobre a confiabilidade do fornecimento de energia russa nos meses de inverno, quando aumenta o consumo residencial.

O Kremlin diz que será uma pausa de três dias para manutenção, mas os europeus temem que as torneiras sejam reabertas com um fluxo ainda menor – ou que permaneçam fechadas, com drásticos impactos socioeconômicos para o continente.

EMERGÊNCIA. Nos últimos meses, a vazão de gás havia sido reduzida para 40% do nível esperado. Em julho, o fluxo foi interrompido para manutenção programada e retomado novamente após 10 dias, mas com apenas 20% da capacidade. Moscou culpou a Alemanha por não ter devolvido equipamento vital em razão das sanções impostas à Rússia.

O governo alemão rejeita a alegação, garante que o Nord



ANATOLY MALTSEV/EFE

Sede da Gazprom, a estatal russa do gás, em São Petersburgo; arma contra as sanções da Europa

Stream 1 estava “totalmente operacional” e não havia problemas técnicos. Desde que invadiu a Ucrânia, a Rússia cortou completamente o fornecimento de gás para Bulgária, Dinamarca, Finlândia, Holanda e Polónia e reduziu os fluxos por outros gasodutos.

A Alemanha corre contra o tempo para reduzir sua dependência do gás russo, mas a total substituição energética só deve ocorrer em 2024. Há me-

ses, os países da Europa estão fazendo estoque de gás. A temporada de aquecimento, que começa em meados de setembro, é vista como um momento crítico, já que, a partir de então, o gás armazenado será consumido com a calefação de casas e prédios públicos.

RETALIACÃO. Em resposta às ameaças da Rússia, os chanceleres dos 27 países da União Europeia, reunidos em Praga, con-

cordaram ontem em suspender um acordo de vistos firmado com Moscou. Na prática, a medida dificulta a obtenção de vistos de turistas, reduzindo a presença de russos em países do bloco.

O chefe da diplomacia europeia, Josep Borrell, disse que houve um “aumento substancial de passagens” da Rússia para a UE em julho, o que representa, segundo ele, “um risco para a segurança da Europa.

“Estamos vendo muitos russos viajando a lazer e para compras como se nenhuma guerra estivesse acontecendo na Ucrânia”, disse Borrell. “Os Estados da UE consideraram que isso não é normal e não pode ser tratado de maneira normal.”

INSPEÇÕES. Ontem, inspetores da Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA) chegaram à usina de Zaporizhzhia. a incerteza paira sobre a visita planejada à região da usina nuclear de Zaporizhzhia. Eles dormiram do lado ucraniano e devem seguir hoje para as instalações, do outro lado da linha de frente.

Moscou, no entanto, resolveu dificultar a missão. Ontem, o Kremlin disse que os especialistas da AIEA terão apenas um dia para inspecionar as instalações. Além disso, eles terão de enfrentar as mesmas filas para entrar e sair do território controlado pela Rússia – o que pode inviabilizar o trabalho.

A preocupação da AIEA é com os constantes bombardeios ao redor da usina, além de uma eventual pane de energia, que deixaria em risco o resfriamento dos reatores e aumentaria os riscos de um acidente nuclear. ● AP, AFP, NYT e W.P.O.S.T

NOTAS E INFORMAÇÕES

Gorbachev ainda é necessário



O último líder soviético ajudou a acabar com a guerra fria; agora que Putin a está recriando, seu legado é crucial

“Gorbachev é difícil de entender”, disse a um biógrafo, referindo-se a si na terceira pessoa, o último líder do império soviético, falecido há alguns dias, aos 91 anos. Ele

se dizia “um produto” daquele sistema e o seu “anti-produto”. “Como”, perguntava-se outro biógrafo, “um país não inteiramente normal acabou com um líder com reflexos morais normais e bom senso?”

Mikhail Gorbachev “foi um líder soviético paradoxal, no momento em que o mundo precisava de um”, disse o *Wall Street Journal*. Ele quis revigorar a União Soviética, mas acelerou a sua morte. Promoveu a abertura econômica (*perestroika*) e política (*glasnost*), não para emular as democracias capitalistas, mas concorrer com elas – já aposentado, disse que Stalin não era um verdadeiro comunista, “eu era”. Ele foi, nas palavras do estudioso Dmitry Furman, “o único político na história russa que, tendo plenos poderes em mãos, voluntariamente optou por limitá-los, arriscando-se mesmo a perdê-los, em nome de valores morais”.

Esses paradoxos estão na raiz das divergências sobre seu legado. Muitos no Ocidente o veem como o maior estadista da segunda metade do século 20; outros, como um fraco incapaz de usar a força quando a força era necessária para preservar o socialismo democrático que estava criando. Na Rússia ele tem admiradores, mas é amplamente recriminado pelas elites no poder como responsável pelo colapso da União Soviética e a debacle econômica que se seguiu. Ao menos em um aspecto de sua trajetória não houve paradoxo: ele queria encerrar a guerra fria sem violência, e encerrou a guerra fria sem violência. No

resto, Gorbachev mudou o seu país e o mundo, mas não como ele queria. Ele não venceu, perdeu. Mas perdeu com dignidade, e essa foi a sua maior vitória.

Hoje, é impossível não especular como teria sido a vitória que ele buscou. Ele sonhou com uma nova ordem mundial, baseada na renúncia da força, em que as divisões entre Ocidente e Oriente desaparecessem. Ele queria que a Otan se tornasse uma instituição política e fosse substituída por uma nova arquitetura de segurança pan-europeia; estava pronto a abandonar o domínio do Leste Europeu; deu os primeiros passos para o desarmamento nuclear; trouxe liberdade de expressão e introduziu instituições parlamentares, acreditando que o socialismo não seria digno de seu nome a menos que fosse democrático.

Mas o Ocidente insistiu em preservar e expandir a Otan; o controle do armamento nuclear nunca esteve tão periclitante desde então; e o sucessor de Gorbachev, Vladimir Putin, está transformando seu país em um Estado fascista, excitando o nacionalismo e a militarismo para restaurar a Grande Rússia.

Certa vez, Gorbachev disse a um jornalista que quando lançou suas reformas não o fez pela sua geração, ou a de seus filhos, mas a de seus netos. “Um dia a Rússia talvez retome sua marcha rumo à democracia, e o mundo talvez encontre o seu caminho além da guerra fria”, disse seu biógrafo William Taubman. “Se e quando isso acontecer, Gorbachev merecerá ser louvado como o líder que estava presente na criação.” ●